

O discurso mediático sobre o terrorismo

Silvino Lopes Évora*

Índice

| | | |
|-----|---|----|
| 1 | Introdução | 2 |
| 2 | O terrorismo e os media | 3 |
| 2.1 | 11 de Setembro: Um Ano Depois | 5 |
| 3 | Narratividade dos acontecimentos | 8 |
| 3.1 | Macro-Estrutura Semântica do Discurso dos Títulos | 9 |
| 3.2 | Uma análise crítico-narrativa do discurso | 12 |
| 4 | Conclusão | 21 |
| 5 | Bibliografia | 23 |

Resumo

Procuramos, com este trabalho, perceber como é que os *media* portugueses abordaram o primeiro aniversário dos atentados de 11 de Setembro. Facilmente, percebemos que o discurso mediático sobre o 11 de Setembro assentou-se sobretudo na projecção do outro como o mal. Para legitimar, perante a opinião pública americana, a sua intervenção militar no Iraque, Bush elegeu a estratégia maniqueísta de reduzir o mundo ao bem e ao mal, projectando a imagem do outro como a de um ser destruidor, que põe

*Mestrando em Ciências da Comunicação: Universidade do Minho.
<http://nosmedia.wordpress.com>

em perigo a própria ordem social e a estabilidade, primeiro, do povo americano e, depois, dos outros cidadãos ocidentais.

1 Introdução

Neste trabalho, propomo-nos analisar criticamente o discurso mediático sobre o primeiro aniversário dos atentados de 11 de Setembro, de forma a compreender como é que os três meios de comunicação social que compõem o nosso universo de estudo (PÚBLICO, Jornal de Notícias e Diário de Notícias) fizeram a perspetivação do dia 11, um ano depois. Para isso, vamos procurar conjugar dois modelos de análises de discurso, afim de explorarmos as várias vertentes do discurso mediático. A Análise Crítica do Discurso e a Análise Narrativa vão constituir-se de base da nossa abordagem. Entretanto, o nosso estudo vai debruçar sobretudo sobre a construção dicotómica do discurso mediático sobre o terrorismo, conjugando-a com a estratégia maniqueísta do discurso do “bem e do mal” de George Bush.

Qual é a estratégia discursiva que os meios de comunicação social adoptaram para a construção dos sentidos sobre o 11 de Setembro? Como é que o mundo árabe foi referenciado no discurso mediático sobre o aniversário do 11 de Setembro? Que estratégia discursiva Bush adoptou para conseguir isolar os Estados inimigos? Qual foi o lugar que o discurso mediático atribuiu aos ocidentais e aos árabes? Mais do que procurar responder cada uma dessas perguntas isoladamente, vamos desenvolver um amplo discurso analítico que consegue incorporar as respostas de todas essas questões. A perspectiva da análise crítica do discurso de Van Dijk e os pressupostos da análise narrativa vão ser muito úteis na abordagem dessas problemáticas.

O nosso estudo procura analisar o discurso mediático para além da sua dimensão semântica. Vamos procurar entrar no campo da pragmática, analisando os contextos de produção e outros condicionalismos de construção de sentidos que vão além do próprio texto. Porém, antes de avançarmos com a análise objectiva do

discurso mediático, faremos uma breve abordagem teórica sobre a correlação entre os *media* e o terrorismo, procurando compreender, por um lado, os motivos que levam os meios de comunicação social a darem uma importante cobertura aos atentados terroristas e, por outro, o que os *media* ou a possibilidade da *mediatização* dos atentados representa para os terroristas.

É importante realçar que o nosso estudo vai incidir exclusivamente sobre o dia 11 de Setembro de 2002, dado tratar-se de um recorte ilustrativo do tema em debate. A cobertura mediática do aniversário dos grandes acontecimentos abre a possibilidade para uma reflexão mais alargada, dado que os *media* conseguem fazer uma abordagem mais distanciada e menos sensacionalista, tentando procurar responder os porquês que ficaram sem resposta nas primeiras coberturas. Assim, sempre que se justificar, vamos recorrer ao estudo que fiz em 2003, no âmbito da minha monografia de Licenciatura em Jornalismo, sobre as primeiras coberturas que o PÚBLICO fez ao 11 de Setembro, afim de comparar alguns dados. Mas, antes, vamos fazer uma abordagem teórica sobre a correlação entre o terrorismo e os *media*.

2 O terrorismo e os media

Em primeiro lugar, seria pertinente começarmos a fazer o enquadramento da temática, procurando compreender o que é o terrorismo. Por **terrorismo** entende-se os actos de violência não legitimados, que visam espalhar, por todo o lado, um ambiente de insegurança e de medo, destruindo assim a capacidade de resistência e a moral de uma população, que acaba por sucumbir perante o desalento e a impotência. Seguindo o entendimento de José Jorge Letria, apelida-se de actos terroristas “o emprego sistemático da violência para se atingir a um fim político. (O terrorismo seria então) o conjunto de actos violentos, de atentados, de detenção de reféns civis que uma organização pratica para agitar um país” (LETRIA: 2001, 15).

Todavia, devemos realçar que “a existência de uma relação es-

treita entre o terrorismo e os meios de comunicação é um dado que une o consenso da maioria dos investigadores que tem estudado as características deste tipo de violência. São muitos os autores que, no âmbito da sua análise, põem o acento tónico no elemento propagandístico” (DOMÍNGUEZ: 1999, 111).

No âmbito das políticas mundiais e dos conflitos internacionais, a correlação entre a política, a guerra e o terrorismo, sem se esquecer dos *media*, torna-se algo de irremediavelmente inseparável. A fronteira entre estes temas torna-se bastante ténue, pelo que revela-se difícil saber onde acaba o terrorismo e começa a guerra. Por um lado, o terrorismo precisa dos *media* para alcançar certos objectivos, inclusive os de ordem psicológico. Não há dúvida de que os indivíduos que planearam os ataques de 11 de Setembro sempre tiveram em mente o contributo dos meios de comunicação de massas na globalização do horror.

Quando um comando terrorista leva a cabo actos de destruição humana e material, mais do que o sofrimento e a morte, espera a consagração de uma grande cobertura mediática. É dela que depende a plena realização dos seus objectivos políticos. No estudo que fiz em 2003, cheguei à conclusão de que, tanto na descrição como na amostra, a cobertura mediática do 11 de Setembro fez transportar o horror para os quatro cantos do mundo, causando assim, um ambiente de medo global.

A relação que se estabelece entre os *media* e o terrorismo conduz a um aproveitamento de parte a parte. Óscar García Luengo, teórico espanhol, fala em “benefício mútuo”. José Jorge Letria reitera que “a cobertura da violência terrorista é, em primeira análise, um momento de trabalho informativo, no qual as imagens e as palavras são a mais poderosa das denúncias do horror. Mas é precisamente esta cobertura que as organizações terroristas procuram, pois dela depende a eficácia plena do acto de destruição” (LETRIA: 2001, 14).

A amplitude informativa que se verificou na cobertura do 11 de Setembro deve-se ao carácter inédito do acontecimento e à sua dimensão catastrófica. “A catástrofe, nas suas múltiplas formas

de que pode revestir-se, acentua a dimensão trágica da condição humana. A sua imprevisibilidade, bem como a carga negativa que encerra em si, levam o ser humano a confrontar-se com a ideia de finitude e de mortalidade que os rituais do quotidiano, com as suas celebrações e mitos, tentam arredar do horizonte das suas preocupações correntes” (LETRIA: 2001, 25).

O número de mortos que o 11 de Setembro causou e a possibilidade da sua transmissão em directo, proporcionando ao público um espectáculo catastrófico, são também motivos que justificaram uma ampla cobertura jornalística aos referidos atentados. Nesta lógica, Nelson Traquina lança a seguinte questão: “o que têm em comum os seguintes acontecimentos, que conquistaram o consenso da comunidade jornalística nacional e, no terceiro caso, o consenso da comunidade jornalística mundial: a queda da ponte Entre-os-Rios, o assassinato de seis empresários portugueses no Brasil e o ataque ao World Trade Center de Nova Iorque e ao Pentágono? A resposta é simples: **a morte**. Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor notícia fundamental para esta comunidade interpretativa, e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas dos jornais ou nos ecrãs da televisão” (TRAQUINA: 2002, 187).

2.1 11 de Setembro: Um Ano Depois

A conversão dos atentados terroristas em notícia abre espaço para a *mediatização* do acontecimento, tornando o facto dominante nos mais diversos quadrantes da opinião pública. “Mas, os próprios factores de actualidade, raridade/excepção, *suspense*, etc., que convertem os acontecimentos trágicos em notícias de primeiro plano fazem com que, uma vez a notícia perdendo a sua actualidade, a sua excepcionalidade ou o seu *suspense*, vá perdendo paulatinamente o interesse dos *media* e/ou do público” (GOIRI-CELAYA: 1998, 81). O autor entende que essa perda do valor noticioso que, normalmente, começa a se fazer sentir, a partir dos cinco dias depois dos actos terroristas, produz, nos afectados e

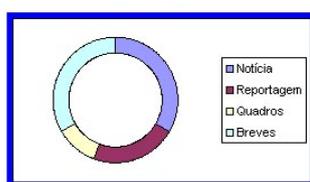
nas pessoas que continuam a trabalhar nos sectores relacionados com o acontecimento, a sensação de abandono.

Normalmente, as notícias relacionadas com os grandes acontecimentos voltam a aparecer nos *media* um ano depois, altura em que se começa a conhecer os resultados das investigações judiciais, policiais e institucionais. É, seguindo esta lógica, que as informações sobre os atentados de 11 de Setembro que, praticamente, tinham desaparecidas dos *media*, reapareceram um ano depois. O jornal PÚBLICO dedicou quase a totalidade da sua edição ao aniversário da tragédia que abalou o mundo, publicando um total de 92 artigos, entre notícias, reportagens, artigos de opinião, entrevistas, etc. O JN e o DN, embora numa dimensão menor, também deram uma cobertura importante ao acontecimento. O JN publicou 18 artigos que se relacionam directamente com o caso, entre os quais, seis notícias e quatro reportagens. Dentro do nosso universo de estudo, é o jornal que menos espaço dedicou ao aniversário do 11 de Setembro. Por seu lado, o DN publicou 34 peças mediáticas, ilustrando todos os seus artigos, independentemente dos seus géneros. Já, o JN trouxe imagens em 12 dos seus 18 artigos. Convém realçar ainda que o aniversário dos atentados de 11 de Setembro foi manchete em todos os jornais que compõem o nosso universo de análise.

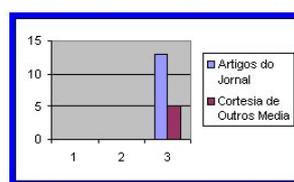
No estudo que fiz, em 2003, sobre a cobertura do PÚBLICO aos atentados de 11 de Setembro, verifiquei que, dentro do meu *corpus* de análise, o jornal tinha publicado 90 notícias, 58 breves, 46 reportagens, 16 artigos de opinião, 13 textos de análise, 9 foto-notícias, entre outros tantos artigos como inquéritos, cartas de leitores, perfis, crónicas, *cartoom*, etc.

- *Jornal de Notícias*
Total: 18 artigos publicados

Classificação segundo o Género



Classificação segundo a origem da Produção

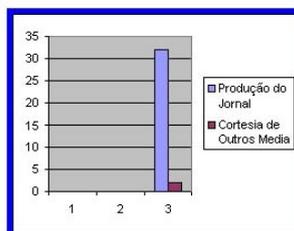


- *Diário de Notícias*
Total: 34 artigos publicados

Classificação segundo o Género

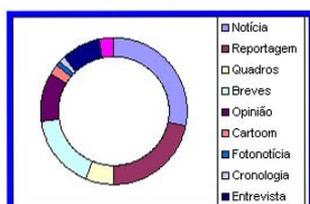


Classificação segundo a origem da Produção

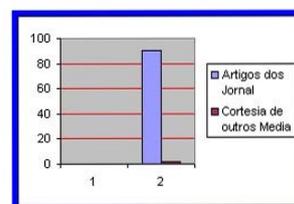


- *Público*
Total: 92 artigos publicados

Classificação segundo o Género

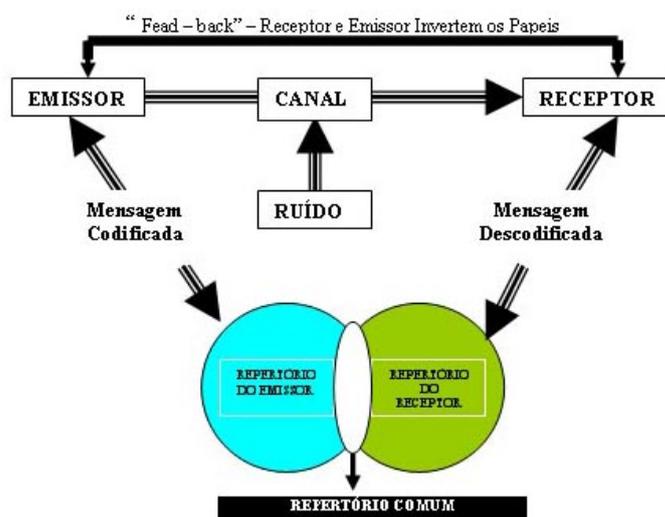


Classificação segundo a origem da Produção



3 Narratividade dos acontecimentos

Roland Barthes diz que “descrever um acontecimento implica que ele já foi escrito” (BARTHES: 1972, 161). Assim, vamos, neste estudo procurar desconstruir a escrita descritiva dos *media*, em relação ao primeiro aniversário dos atentados de 11 Setembro. Longe do modelo simplista de comunicação (E → M → R)¹, onde se entendia que a mensagem era codificada pelo locutor e decodificada pelo alocutário de forma unívoca, não sofrendo grandes modificações no processo de transmissão, hoje temos um esquema comunicativo bastante mais complexo, que equaciona outras circunstâncias que influenciam o processo comunicativo, como os contextos de produção e de recepção da mensagem, o contexto cultural, a interferência dos ruídos e outros elementos que interferem o processo de comunicação, desde a produção até á decodificação das mensagens. Senão, vejamos o esquema comunicativo que se segue:

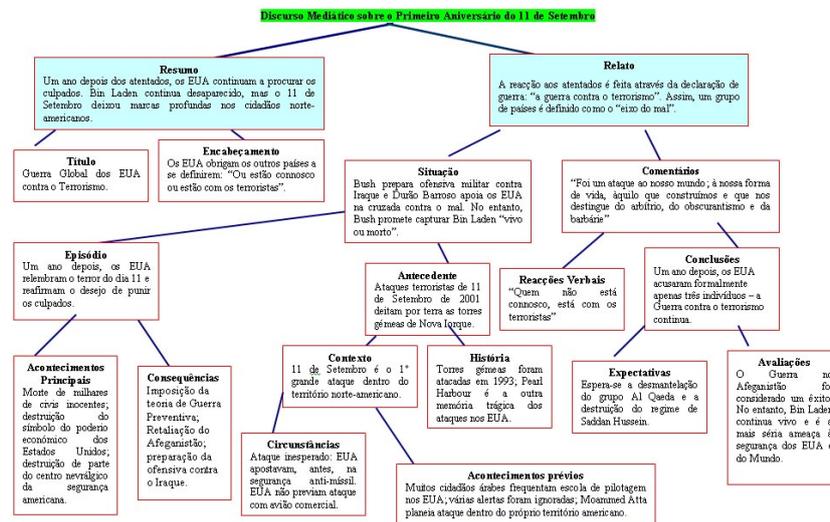


**Esquema do processo comunicativo, em que o emissor e o receptor usam um meio físico*

¹ Legenda do Esquema: Emissor ? Mensagem ? Receptor.

Todo o discurso jornalístico possui um efeito social: os tais efeitos perlocucórios de que Grice e Austin se referem nas teorias dos Actos de Fala. Luís Humberto Marcos defende “que há um olhar “psicossocial” ao trabalho do jornalista” (MARCOS: 1988, 114). Isso faz com que se torne imprescindível o enquadramento do texto jornalístico dentro de um dado contexto. Assim, Van Dijk salienta que “certas estruturas discursivas, quando se expressam na conversa, podem funcionar como parte do contexto comunicativo” (DIJK: 1984: 290). O autor acrescenta ainda que “as condições impostas nos conectivos e a conexão em geral, assim como a coerência, o tópico, o foco, a perspectiva e as noções similares, também fazem parte da pragmática”, ou seja, funcionam como elementos da comunicação.

3.1 Macro-Estrutura Semântica do Discurso dos Títulos



Procuraremos, a partir de agora, compreender a macro-estrutura discursiva dos títulos dos jornais. Para isso, vamos ligar os vários

títulos seleccionados para desvelar o olhar dos *media*, um ano depois dos atentados sobre os EUA. Assim, faremos a ligação, com a mínima partícula possível, entre as diversas macroproposições que constituem os títulos dos três jornais que compõem o nosso universo de estudo, afim de criar um macro-discurso coeso.

Um ano depois... (O) Novo mundo apenas começou. (Vive-se) O dilema entre segurança e liberdade. (Ninguém sabe quais são) As próximas ameaças. (Mas, todos conhecem) O Novo Rosto do Terrorismo: A Al Qaeda – A ameaça persiste. (A) Maioria dos portugueses acha provável novo atentado aos Estados Unidos. COMO BUSH QUER PROTEGER A AMÉRICA? Estados Unidos (estão) em alerta laranja. (São tomadas) Medidas planetárias excepcionais. Onde se escondem os taliban? Onde está Bin Laden? Ussama, o homem mais procurado do mundo. BIN LADEN MUDOU A PRESIDÊNCIA DE GEORGE W; Bin Laden é herói para maioria dos Koweitianos.

11 de Setembro, o ano seguinte: Iraque será o próximo campo de batalha. A intervenção militar no Iraque será multilateral. (Mas), Clinton diz que Médio Oriente é mais urgente do que o Iraque. (Mesmo assim), “O ataque ao Iraque vai acontecer” e terá “consequências muito perigosas”. Durão aceita ataque americano ao Iraque. (É) A GUERRA GLOBAL DOS EUA CONTRA O TERROR. (Mas), Ainda não vimos nada! Uma supremacia militar única na História; As Ciências do risco foram apadrinhadas pelo 11 de Setembro.

Como é um ano depois? OS ALIADOS (estão) MAIS DISTANTES. A Europa é cada vez mais fraca. Os europeus são conservadores em relação à aliança. (Por isso), “Escolhemos a ideia de potência civil para a UE”. (É) A Cobardia da Europa um ano depois do 11 de Setembro. A Europa tem um interesse vital no Médio Oriente.

9/11, 11/9: Washington aprisionada; Os heróis da BD evitam passar por Manhattan; (os) Negros de Harlem não choram o

9/11; (a) *Segurança nos aeroportos é um queijo “gruyère”*; (a) *CIA teme reorganização das células da al-Qaeda; Al-Qaeda Activa no Afeganistão – O “mulhah” sem rosto e os seus seguidores.* (A) *LISTA DOS “TERRORISTAS MAIS PROCURADOS” PELO FBI: Os primeiros acusados; os suspeitos em fuga; As novas organizações; Os vídeos de Osama; As próximas ameaças; A última noite; As novas organizações; A Alma perdida de Kandahar; Os quatro aviões da morte. Detidos são muitos, mas pouco importantes. Porque caíram as torres do World Trade Center? Os Falhanços dos serviços secretos: Ameaça de conspiração transformouse em ataque. Os atentados começaram a ser planeados desde 1998. (Foi a) Contagem decrescente para o 11 de Setembro.*

O que morreu em Manhattan? A difícil arte de ser americano. 11 de Setembro, o ano seguinte: Australianos homenageiam vítimas – (o) Mundo unido na homenagem; Bin Laden reivindica atentados.

“A NATO vai sobreviver? “Musharraf está muito isolado”. ARÁBIA SAUDITA: O reino das contradições. “O Islão é um meio-termo entre a lei de Talião e o dar a outra face”. AFEGANISTÃO: a luta contra o esquecimento. “Uma crise política vai rebentar na Ásia Central”.

11, dia de alto risco. Licença para matar? DO “GROUND ZERO” A KANDAHAR: A guerra no Afeganistão pode ser encarada como um êxito. Esta nossa guerra! Uma guerra à escala do planeta. (É) a morte da política... (os) Paradoxos na democracia; O efeito antes das causas.

Mudamos? O quê? NO AR: Vergonha e Piedade em Nova Iorque. Viver o 11 de Setembro antes e depois do ecrã. Onde pára a certeza? Muito espectáculo, muito patriotismo e pouca informação. Histórias não contadas do dia 11 e depois... Fraquezas americanas, Um ano depois. EUA: o toque de despertar ENTRE AS TÂMARAS, BIN LADEN E MCDONALD’S DO HEZBOLLAH... A nova normalidade... Um ano depois, o que mudou na América e no Mundo? Quase tudo ou quase nada? Onze palavras sobre o 11 de Setembro. Da janela do seu quarto, Portuguesa produz

filme sobre o 11 de Setembro. (Afinal, este é) O ano em que o mundo não mudou.

Todas as proposições que vêm acima a negrito, são títulos dos jornais que seleccionamos com o objectivo de construir uma macro-leitura dos três jornais que constituem o nosso universo de estudo sobre o 11 de Setembro.

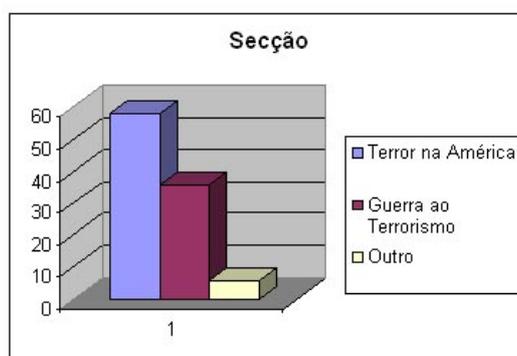
3.2 Uma análise crítico-narrativa do discurso

Desde há muito, Aristóteles havia dito que a alma do discurso é a definição. Mais do que definir conceitos, procuramos confrontar o discurso mediático sobre o primeiro aniversário do 11 de Setembro com uma leitura crítica, já que o clássico ditado jurídico alerta que “*omnis definitio periculosa est*”: toda definição acarreta perigos.

A interpretação de um discurso jornalístico é algo que transcende a contagem dos artigos publicados nos jornais e a própria análise semântica dos textos. “Nestes últimos tempos, as questões pragmáticas vêm merecendo uma atenção cada vez maior na gramática transformacional, reconhecendo-se a necessidade de incorporar ao esquema transformacional uma teoria geral, isto é, uma teoria do uso das orações no contexto” (SILVA: 1978, pp. 248, 249). Por seu lado, Roberto Grandi havia sublinhado que “os estudos culturais têm de desenvolver-se, mantendo no seu próprio seio esta permanente e irresolúvel questão entre as demandas teóricas e políticas, acentuando a centralidade da variável contextual, enquanto garantia da correlação da análise, que tem de ser descritivo, contextual e historicamente enquadrado” (GRANDI: 1995, 97).

Com o ressurgir do interesse noticioso, vários jornalistas se deslocaram aos Estados Unidos para observar o “*Ground Zero*”. Um ano depois da tragédia, os *media* começaram a fazer a leitura dos acontecimentos além do impacto emocional do momento

imediatamente depois dos atentados que é, muitas vezes, marcado pelo excesso de sensacionalismo. Realçaram o facto de um grande número de pessoas continuarem a sofrer as marcas do terror e alertaram para o apoio prolongado de que muitas pessoas precisam.



Recorrendo, mais uma vez, ao estudo de 2003, salienta-se que, na cobertura especial que o PÚBLICO fez aos atentados sobre os Estados Unidos, dividiu o seu espaço em duas secções: **TERROR NA AMÉRICA** e **GUERRA AO TERRORISMO**. A partir de então, a expressão “Guerra ao Terrorismo”, fundamentado pelo discurso do “Eixo do Mal”, passou a ocupar um espaço privilegiado no discurso mediático.

Olhando para a macro-estrutura temática do discurso dos títulos, podemos concluir, facilmente, que a cobertura informativa do primeiro aniversário dos atentados de 11 de Setembro pôs em destaque duas macro-estruturas semânticas, ou seja, dois macro-temas: A Luta Global Contra o Terrorismo Internacional e A Questão da Segurança Global. No entanto, um acontecimento com a dimensão do 11 de Setembro possui quase sempre várias estruturas semânticas. Van Dijk afirma que “os discursos mais longos, em geral, contêm vários temas e, em consequência, possuem uma macro-estrutura que consiste em várias macroproposições” (DIJK: 1990, 56). Como podemos observar, alguns temas

são mais gerais e outros constituem macro-temas específicos que, grosso modo, são o “prato forte” do acontecimento.

Mário Bettencourt Resendes, no seu editorial do aniversário do 11 de Setembro, apelidou o grupo Al Qaeda de “uma multinacional do terrorismo”. O autor inspirou-se no esquema da globalização, que surgiu no campo da Economia, alargando-se para outras áreas da vida social, para mostrar que o grupo de Bin Laden também seguiu a estratégia de mundialização, para globalizar o caos. A Al Qaeda aparece, neste registo discursivo, como o oposto do Mc Donald’s, espaço onde as pessoas se sentam sossegadas para beber Coca-Cola, comendo produtos “*fast-food*”: é a América vista do outro lado; simboliza o outro dos Estados Unidos. Por seu turno, José Manuel Barroso, na reportagem intitulada “Uma guerra à escala planetária” – publicada no DN –, salienta que, “pela primeira vez, em tempo de paz, o alerta é mundial. A ameaça é global, como global é hoje quase tudo”. O artigo acrescenta ainda que, “se há algo de verdadeiro neste 11 de Setembro de 2002, é que o mundo se tornou numa aldeia global. É que os acontecimentos de há um ano tocaram todos. Pela compaixão e pela solidariedade ou pelo ódio. Pela primeira vez, ninguém ficou neutro” (DN: 11/09/2002). Até porque, o discurso do “bem e do mal” de Bush não admitiu uma terceira via: “Ou estão connosco, ou estão com os terroristas”. Uma leitura paralela a esta tem Vicente Romano que, ao afirmar que “a sociedade de informação é uma sociedade de botões com responsabilidade limitada”, assegura que “as informações que não são úteis para as empresas ou para os planos políticos e militares não são levadas em consideração. São classificadas de “redundantes”, “supérfluas”, “imperitinentes”. Pensa-se binariamente e também actua-se desta forma. As terceiras vias são suspeitas” (ROMANO: 1993, pp.145-1456).

José Jorge Letria afirma que “nesta guerra sem rosto raramente se detectam e detêm os culpados” (Letria: 2001, 15). No entanto, na cobertura de atentados terroristas, a primeira coisa que o discurso mediático procura fazer, é atribuir a responsabilidade a uma dada organização, país ou grupo de indivíduos. É nesta

lógica que o nome de Bin Laden surgiu nos meios de comunicação social desde o primeiro dia. No estudo que acima referimos sobre as primeiras coberturas do PÚBLICO aos atentados de 11 de Setembro, verificamos que Bin Laden era referenciado como o “PRINCIPAL SUSPEITO”, “a mais *imediata* e séria ameaça à segurança”, o “inimigo número um dos Estados Unidos”, o “Inimigo invisível”; ou seja, ele passou a ser visto como tudo aquilo que vai de encontro à civilização ocidental. Desde então, Bin Laden passou a ser a cara do “outro do americano”. Em 2002, o PÚBLICO escreve que, “um ano depois dos atentados de 11 de Setembro e o principal suspeito, autor moral, inspirador e instigador continua por encontrar”, acabando por ser apelidado de “o homem mais procurado do mundo”. E isso levou Bush de chamá-lo de “diabólico”, prometendo aos americanos que Bin Laden seria encontrado “vivo ou morto”.

Tudo isso foi alimentado pelo discurso de “Guerra ao Terrorismo” de George Bush que acabou por dominar, por completo, a agenda mediática e alojou-se no próprio coração dos americanos e do mundo. Uma “sondagem do Instituto Harris refere que 59% dos americanos sentem-se que estão em guerra” (JN: 11 /09 /2002). No seu editorial de 11 de Setembro de 2002, José Manuel Fernandes, afirma que “o choque das imagens do colapso das Torres Gémeas, a que grande parte do mundo assistiu ao vivo pela televisão, criou não só um novo estado de espírito na opinião pública americana, como permitiu ao presidente Bush, ao declarar guerra universal ao terrorismo, se dirigisse a todas as nações, dizendo-lhes que tinham que se definir: “Ou estão connosco, ou estão com os terroristas”” (PÚBLICO:11 /09 /2002). O que Bush fez com a sua frase “ou estão connosco, ou estão com os terroristas”, é recuperar o velho discurso filosófico do “Bem e do Mal”. Optou pela estratégia de obrigar, pela força – neste caso –, os outros países a se posicionarem ao lado dos Estados Unidos, afim de legitimar todas as suas intervenções militares. Na Conferência “Imaginários e Pós-modernidade”, realizada no passado dia 14 de Janeiro na Universidade do Minho, o sociólogo francês Mi-

chel Maffesoli afirmou que o discurso da “Guerra contra o Mal” é a “denegação do outro, negando assim a alteridade”. Maffesoli acrescenta ainda que “Foucault já havia dito que todo o processo político é um processo de domesticação; um processo de denegação da alteridade”, ou seja, de aculturação.

O discurso de “Guerra ao terrorismo” de Bush foi um acto bastante maniqueísta. Raymundo de Lima afirma que “o maniqueísmo é uma forma de pensar simplista em que o mundo é visto como que dividido em dois: o do Bem e o do Mal. A simplificação é uma forma primária do pensamento que reduz os fenómenos humanos a uma relação de causa e efeito, certo e errado, isso ou aquilo, é ou não é. A simplificação é entendida como forma deficiente de pensar, nasce da intolerância ou desconhecimento em relação à verdade do outro e da pressa de entender e reagir ao que lhe apresenta como complexo. “A pressa de saber obstrui o campo da curiosidade e liquida a investigação em muito pouco tempo”, declara o psicanalista W. Zusman (*A terra sob o poder de Mani*, JB/s.d.). A pressa não é só inimiga da perfeição, é também inimiga do diálogo e do pensamento mais elaborado” (LIMA: Revista Espaço Académico, Dezembro de 2001). Esta leitura foi reforçada com a observação de Dejalma Cremonese que afirma que “em nome da “segurança”, os EUA elegeram a forma maniqueísta de ver o mundo, dividindo-o entre aqueles que fazem parte do “bem”, e aqueles que pertencem ao “eixo do mal”. Com isso, justificam as guerras e intervenções militares para destruir os supostos Estados “bandidos” (terroristas): Iraque, Afeganistão, Irão, Coreia do Norte e Cuba, entre outros... A afirmação de George W. Bush resume a ideia: “Os que não estão connosco estão contra nós””(CREMONESE: NON, 11 /09 /2001).

Segundo a categorização dos tipos de personagens² feito por Vladimir Propp, Bush e os Estados Unidos acabaram por figurar-se no discurso mediático como os heróis. Assim, os países que

² “Linguísticamente, a noção de sujeito é necessário para dar conta da transformação da língua em discurso. O sujeito do discurso é assim o pressuposto da teoria linguística” (ABRIL, LOZANO & PEÑA-MARÍN: 1982, 89).

optaram por alinhar com os EUA ocupam, nesta linha discursiva, o papel de adjuvantes dos heróis. Do lado simétrico, encontra-se o vilão, neste caso – Osama Bin Laden e o grupo Al Qaeda. Os cúmplices do Vilão, neste caso, são os Estados que não se alinharam com os EUA. O discurso de Bush elimina todas as possibilidades de neutralidade. Quem não se posiciona ao lado dos Estados Unidos é porque está contra a América. Tudo isto acontece num contexto em que a Guerra-fria apenas perdura nas páginas da História, acabando o equilíbrio de poderes e restando apenas uma única superpotência com capacidade para intervir militarmente em qualquer parte do mundo.

O PÚBLICO escreve que “os 12 meses da guerra ao terrorismo ainda só permitiram acusar judicialmente dois homens pelos atentados de 11 de Setembro” (PÚBLICO:11 /09 /2002). No entanto, isso não impediu que Bush continuasse com o seu discurso de “Guerra ao Terrorismo”. Para fazer valer a sua posição e aprofundar a dicotomia “o bem” e “o mal”, o presidente norte-americano criou o “Eixo do Mal”. Assim, “Saddam tornou-se num objectivo claro para Washington no início do ano, quando Bush utilizou no seu discurso do estado da nação para descrever três países acusados de patrocinar o terrorismo internacional – a Coreia do Norte, o Irão e o Iraque”. É nesta linha que Lucas Mendes afirma que o “11 de Setembro mudou tudo. O presidente viu o Mal. Agora ele mora no Iraque, mas o seu poderoso Exército do Bem vai ser usado para calá-lo pelo mundo afora” (MENDES: BBC Brasil – 20/3/2003). Por isso, o PÚBLICO escreve que “Iraque será o próximo campo de batalha”.

A ideia base do discurso de Bush é essa: existe um Mal (Iraque e todos os outros “Estados – párias”) que põe em causa a segurança global, dado que, a partir de agora, todos somos alvos; mas, por outro lado, existe a Força do Bem, que é o poderio militar dos Estados Unidos, que representa uma cultura evoluída, uma Civilização Ocidental inteligente, que vai derrubar esse Mal. Por isso, façam a vossa escolha: ou a Força do Bem ou o “Eixo do Mal”. Toda esta leitura vai na linha de interpretação de Michel Maffe-

soli, quando afirma que a recusa da alteridade faz-se “através da projecção do outro como o mal que precisa ser domesticado. É também uma forma de legitimar uma acção militar, dado que o outro aparece, aos olhos de maioria, como um ser selvagem”.

Com a preocupação de mobilizar o maior número de países possível contra o “Eixo do Mal”, é notório que Bush reconheceu, no 11 de Setembro, uma mudança no paradigma histórico, consubstanciado naquilo que Todorov considera como a transformação do estado de equilíbrio inicial da história. O discurso de “Guerra ao Terrorismo” não é senão a procura de construir um novo equilíbrio, que passa por reprimir veementemente todos aqueles que são considerados membros ou apoiantes da ala do mal, fazendo valer a força do bem. Isto significa, procurar repor uma legalidade, entendendo que a ordem foi quebrada com a manifestação da “barbárie”. Esta ideia foi reforçada com a declaração de Condoleezza Rice, então conselheira para a Segurança Nacional dos EUA, afirmando que os norte-americanos ““reforçaram energeticamente” a sua segurança depois do 11 de Setembro” (DN: 11 /09/ 2002).

Na linha de Lévi-Strauss, um dos autores da análise narrativa, o discurso mediático sobre os atentados de 11 de Setembro apoiou-se sobretudo no aprofundamento de conceitos antagónicos: o Oriente Vs. Ocidente; a Barbárie Vs. Civilização Ocidental; o Despotismo Vs. Democracia. O JN refere aos refugiados afegãos como “diáspora terrorista”, contrapondo-os aos “responsáveis antiterroristas americanos”. Miguel Sousa Tavares, com o artigo “O que morreu em Manhattan?”, afirmou que o ataque às Torres Gémeas não foi apenas um ataque aos Estados Unidos e às suas políticas no Médio Oriente: foi um ataque ao nosso mundo; à nossa forma de vida, àquilo que construímos e que nos distingue do arbítrio, do obscurantismo e da barbárie”. Salienta ainda que “somos nós, os ocidentais, os herdeiros e os beneficiários da única civilização onde primeiro estão os direitos dos homens, e depois os mandamentos divinos, e onde, com todas as injustiças e imperfeições, continuamos a busca por sociedades melhores e mais

livres” (TAVARES: PÚBLICO, 11 /09 /2002). Mais à frente, o autor adverte que “esta é a hora do mundo civilizado”. Fala na liberdade individual da pessoa humana, no triunfo da inteligência, da cultura e da justiça entre os iguais, numa vida na Terra para todos.

O jornalista José Manuel Barroso reforça esta ideia de “choque de civilizações”, no DN, argumentando que “quem está em guerra desde o 11 de Setembro, não é a América e um grupo de fundamentalistas. São dois conceitos de sociedade, são duas escalas de valores” (DN: 11 /09 /2002). Numa leitura crítica do “macro-discurso” mediático sobre o 11 de Setembro, conclui-se que essas “duas escalas de valores” põem, de um lado, “o mundo civilizado” e do outro, “o mundo dos bárbaros”.

Mas, a evidência da superioridade do mundo Ocidental, também, está presente em outros registos discursivos: na reportagem da Teresa de Sousa, na página 32 do PÚBLICO, a jornalista escreve que “os europeus sentiram-se, como nunca, “americanos”, partilhando o horror e a repulsa mas também o sentimento de que a barbárie que se abateu sobre Nova Iorque visava todo o mundo civilizado”. Regista-se claramente um discurso numa linha em que o mundo Ocidental é visto como o oposto do mundo Bárbaro – que é o outro, o diferente.

O atentado foi visto de forma diferente, por pessoas que pertencem a culturas diferentes. Se os jornalistas e os comentadores ocidentais optaram pela linguagem dicotómica, legitimando, de alguma forma, o discurso do “Bem e do Mal” de Bush, “o outro” leu de forma diferente, os acontecimentos. Assim, Takhsin Baschir, diplomata e antigo conselheiro do ex-presidente egípcio Anelar Sadat afirma que “em 11 de Setembro “não foi propriamente o Ocidente que foi atingido. Não foi a Dinamarca, a Suécia, a França, a Alemanha, nem os Estados Unidos – mas a política americana”. Baschir acrescenta ainda que “não foram os valores ocidentais os atingidos. Os milhares de pessoas dentro do *World Trade Center* não foram assassinados por comerem carne de porco, beberem bebidas alcoólicas ou terem relações pré-

matrimoniais” (PÚBLICO: 11 /09 /2002). O discurso de Baschir procura ler o 11 de Setembro de uma outra forma. Procura deitar por terra todas as argumentações que olham para os atentados como um ataque à civilização Ocidental, realçando que o que esteve na base do acontecimento não pode ser classificado de um “choque civilizacional”. Assim, o autor põe em destaque as questões políticas, mais concretamente, a má política americana para com o “outro”.

Esta segunda linha de interpretação dos atentados de 11 de Setembro vai, de certa forma, ao encontro de um título do artigo do jornalista António José Teixeira (a morte da política), publicado no Diário de Notícias. O autor sustenta a sua ideia, realçando a forma como os Estados Unidos reagiram aos atentados, fazendo-nos recordar o tempo da Guerra-fria. Na sua leitura, Bush esqueceu-se que “o Super-Homem acabou”. Esta crítica tem sobretudo a ver com o discurso do “bem e do mal” do presidente americano e o seu espírito unilateralista, que procura formas de obrigar o mundo a render-se às suas aspirações.

A **Guerra**, o **Terrorismo** e a **Segurança**, foram as três grandes macro-estruturas semânticas que marcaram a cobertura mediática do jornal PÚBLICO ao primeiro aniversário dos atentados de 11 de Setembro. Todavia, a segurança foi também um tema muito valorizado pelo Diário de Notícias. Na sua coluna “LINHAS DIREITAS”, o jornalista Luís Delgado pergunta: “E agora, um ano depois? Os EUA e o nosso mundo estão mais seguros?”. Ele mesmo procura encontrar a sua resposta, afirmando que “há possibilidade de novos 11’s, em qualquer parte do mundo”. A sua perspectiva veio a confirmar-se com o 11 de Março em Madrid, colocando o dia 11, no mapa do terror, como um dia sangrento – o dia da morte. No entanto, Luís Delgado, não conseguiu fugir ao registo discursivo dicotómico, chegando a se referir a Bin Laden e ao Saddam como monstros que andam “à solta e a monte”.

4 Conclusão

Um ano depois, um registo discursivo baseado sobretudo na linguagem dicotómica marcou a forma como os meios de comunicação social relataram os atentados de 11 de Setembro. As questões relacionadas com segurança e com a guerra global contra o terrorismo marcaram a cobertura mediática sobre o primeiro aniversário dos atentados de 11 de Setembro. Por isso, não podemos concluir este trabalho sem ter em conta que a “Guerra contra o Mal” foi a macro-estrutura semântica que resume o discurso mediático sobre o primeiro aniversário dos atentados que fizeram o mundo confrontar-se com a possibilidade da sua mudança.

O discurso mediático sobre o primeiro aniversário do 11 de Setembro assentou-se sobretudo na projecção do outro como o mal. Como observamos ao longo da nossa análise discursiva, isto vai na linha daquilo que Maffesoli apelida de denegação da alteridade. No entanto, trata-se de uma forma de legitimar as acções militares que os Estados Unidos desenvolveram no Afeganistão e as ofensivas que estavam a ser preparadas para o Iraque.

Barbie Zelizer estudou a influência do 11 de Setembro no jornalismo e concluiu que o próprio jornalismo mudou o 11 de Setembro: a forma como os *media* trataram o acontecimento influenciou sobretudo a percepção do acontecimento por parte do grande público. Foi o mesmo papel que as fotografias desempenharam nas primeiras coberturas mediáticas dos atentados sobre as torres gémeas, legitimando, perante a opinião pública americana, a intervenção militar no Afeganistão, que o discurso do “bem e do mal” de Bush veio desempenhar na conquista de apoios públicos para se desencadear uma ofensiva militar no Iraque. Entretanto, devemos ter em conta que Zelizer observou que “as fotografias facilitaram a responsabilidade pública, ajudando o público a tomar conhecimento da realidade do acontecimento e passar do seu estado inicial de choque para um estado pós-traumático³. E isso fez com que o público assegurasse a todo o tempo a ajuda às ac-

³ Segundo Barbie Zelizer, “o trauma público (ou colectivo) ocorre quando

ções políticas e militares contra o Afeganistão, que estavam a ser preparadas” (ZELIZER: 2002, 48).

Para legitimar, perante a opinião pública americana, a sua intervenção militar no Iraque, Bush elegeu a estratégia maniqueísta de reduzir o mundo ao bem e ao mal, projectando a imagem do outro como a de um ser destruidor, que põe em perigo a própria ordem social e a estabilidade, primeiro, do povo americano e, depois, dos outros cidadãos ocidentais⁴.

Sem fazer uma análise profunda das vozes, é bem notório que o discurso mediático sobre o primeiro aniversário do 11 de Setembro, à semelhança do registo discursivo das primeiras coberturas, continuou a privilegiar os actores sociais do mundo ocidental. O outro teve uma débil representação. Alguns casos excepcionais, como, por exemplo, o de Takhsin Baschir que afirma que “em 11 de Setembro “não foi propriamente o Ocidente que foi atingido”, contrapondo assim ao ritmo discursivo que regista o 11 de Setembro como um ataque à civilização Ocidental, ignorando, por completo, a política norte-americana para com o mundo árabe. O grande problema do discurso produzido sobre o 11 de Setembro é a superficialidade com que os temas foram tratados, sem se procurar chegar ao fundo das questões.

Esse tratamento superficial das macro-estruturas temáticas relacionadas com o 11 de Setembro teve como ponto de partida o discurso maniqueísta de George W. Bush, que lê o mundo de forma simplista, fazendo a separação entre o bem e o mal, obrigando os Estados a tomarem posição: “Ou estão connosco, ou

guerras, grandes desastres ou outros cataclismos de grande escala atingem uma nação” (ZELIZER: 2002, 48).

⁴ Bin Laden foi, desta forma, projectado como o rosto do mal, como um ser demoníaco, que luta sem causas e que pretende unicamente a destruição de povos civilizados. Note-se mesmo alguma passividade dos meios de comunicação social em desvendar a estratégia político-discursiva de Bush, interpretando o discurso dentro de um contexto mais amplo, onde não só existe o bem e o mal, mas também há tons cinzas, pouco esclarecedoras, o que quer dizer que o bem e o mal podem estar de ambos os lados, dependendo dos objectivos, das estratégias e do respeito pela diferença e pelos direitos do outro.

estão com os terroristas”. Esta perspectiva foi bastante reforçada com o discurso produzido nos *media* sobre o 11 de Setembro, optando por aprofundar as dicotomias entre o bem e o mal, o Ocidente e o Oriente, o mundo civilizado e a barbárie, os americanos e os árabes, a vida e a morte. Este registo discursivo é bastante limitado, uma vez que não abre o espaço para compreender o mundo do “outro” e as razões que estão por detrás da forma como o outro vê a realidade do mundo. É um discurso baseado sobretudo em preconceitos, eliminando assim quase toda a possibilidade de se fazer uma verdadeira análise da realidade internacional. Trata-se de uma forma bastante pobre de interpretar a realidade socio-política, dificultando assim a constatação e a interpretação dos desajustes sociais e das bases do descontentamento do mundo árabe em relação ao Ocidente.

Quase todo o discurso mediático produzido sobre o aniversário do 11 de Setembro teve como objectivo camuflar a verdadeira situação da política internacional, projectando os EUA e o Ocidente como os defensores dos valores da democracia e da liberdade, desvirtualizando, assim, por completo, as causas do mundo árabe, tratando-os apenas como seres selvagens.

5 Bibliografia

ABRIL, Gonzalo; LOZANO, Jorge & PEÑA-MARÍN, Cristina: *Análisis del Discurso – Hacia una semántica de la interacción textual*; Editorial Cátedra; Madrid, 1984.

BARTHES, Roland; TODOROV, Tzvetan & Col.: *Semiologia e Lingüística*, “Seleção de Ensaio da Revista Communications”; Editora Vozes, Petrópolis, 1972.

DIJK, Teun A. Van: *Texto y Contexto – Semántica e pragmática del discurso*; Editorial Cátedra, Madrid, 1984.

DIJK, Teun A. Van: *La Notícia como Discurso*; Editorial Paidós, Barcelona, 1990.

- DOMÍNGUEZ, Florencio: *Periodistas ante Conflictos – El papel de los medios de comunicación en situaciones de crisis* (Org. Roberto Rodríguez Andrés & Teresa Sádaba Garraza); Eunsa – Ediciones Universidad de Navarra, Navarra, 1999.
- GOIRICELAYA, Ernesto: *Desastre y los Medios de Comunicación*; Gráficas Indaunche, Gallarta, 1998.
- GRANDI, Roberto: *Texto y Contexto en los Medios de Comunicación – Análisis de la información, publicidad, entretenimiento y su consumo*; Bosch Casa Editorial, Barcelona, 1995.
- LETRIA, José Jorge: *O Terrorismo e os Media: o tempo de antena do terror*; Hugin, Lisboa, 2001.
- MARCOS, Luís Humberto & Col.: *Jornalismo e Literatura – Actas do II encontro Luso-Afro-Brasileiro*; Vega Editora, Lisboa, 1988.
- ROMANO, Vicente: *Desarrollo y Progreso – Por una ecología de la comunicación*; Editorial Teide, Barcelona, 1993.
- SILVA, Carly: *Gramática Transformacional – Uma visão global*; Edições Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1978.
- TRAQUINA, Nelson: *O que é Jornalismo*; Quimera, Lisboa, 2002.
- ZELIZER, Barbie: *Journalism After September 11*; Routledge, Nova Iorque, 2002.

Outras Fontes

- CREMONESE, Dejalma: “11 de Setembro: o mundo um ano depois...”; Revista NON, edição de 11 de Setembro de 2002 – Link: http://zonanon.org/non/opiniaio/var_233.html
- Diário de Notícias* – edição de 11 de Setembro de 2002.
- Jornal de Notícias* – edição de 11 de Setembro de 2002.

LIMA, Raymundo de: “O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje (Sub-Capítulo – O Maniqueísmo: a luta entre o bem e o mal) ”; Revista Espaço Académico – Ano I – Nº 7 Dezembro de 2001 – Mensal. Link: <http://www.espacoacademico.com.br/007/07ray.htm>

LUENGO, Óscar García: “El Terrorismo y los Medios”; (Comunicação apresentada numa conferência sobre o Terrorismo e os *Media*); s/ed.

MAFFESOLI, Michel: “Imaginários e Pós-modernidade”; (Conferência realizada no dia 14 e Janeiro de 2005 na Universidade do Minho), s/ed.

MENDES, Lucas: “Bush, o Bem e o Mal”; BBC Brasil – edição de 20 de Março de 2003. Link: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030320_lucasmendes.shtml

PÚBLICO – edição de 11 de Setembro de 2002.

TAVARES, Miguel Sousa: “O Que Morreu em Manhattan?”; PÚBLICO – edição de 11 de Setembro de 2002.